

Haroldo Hollanda

Sarney dá feição a seu governo

A análise política conjuntural é feita por um dos políticos que com maior frequência visitam o presidente Sarney. Segundo ele, era natural que o presidente, não tendo constituído a sua feição o atual ministério, herdado do presidente Tancredo Neves, procurasse uma saída para seus problemas políticos pessoais daí decorrentes. A solução por ele encontrada foi a de formar uma assessoria de alto nível no Palácio do Planalto e da sua confiança pessoal e direta. Como todos se recordam, o presidente não teve sequer a liberdade de escolher o chefe do Gabinete Civil. Considerava-se, por exemplo, natural que com o falecimento do presidente Tancredo Neves o Sr. José Hugo Castelo Branco solicitasse sua substituição. Tal, porém, não aconteceu. Ocorreu, no entanto, que o Sr. José Hugo superou esses problemas de relacionamento pessoal com o presidente Sarney, procurando interpretar e seguir fielmente não só o seu pensamento, como das pessoas da sua maior intimidade que atuam no Palácio do Planalto. O chefe do Gabinete Civil parece hoje bastante sintonizado com o núcleo mais íntimo do poder.

Para seu assessoramento político e de natureza jurídica o presidente José Sarney se cercou da assistência do seu antigo companheiro de UDN, o ex-deputado federal Célio Borja, ao mesmo tempo em que convocam para o Governo do Distrito Federal um dos seus amigos mais diletos, o deputado José Aparecido de Oliveira, que vem se constituindo numa peça de fundamental importância do seu esquema de sustentação política.

No que tange à equipe econômica do Governo, houve alguns ajustamentos. O ministro Francisco Dornelles, da Fazenda, já não desempenha, o que é natural, o mesmo e decisivo papel que estava destinado a cumprir, se a Presidência da República tivesse permanecido nas mãos do seu tio, o falecido presidente Tancredo Neves. Houve gradual e significativa perda de poder por parte dele. Sem que tenha ocorrido uma predominância nas ações da equipe econômica do Ministro João Sayad, do Planejamento, registrou-se sensível fortalecimento político de sua parte, o que era de esperar, para o que teria contribuído sua ligação mais íntima com o Sr. Jorge Murad, assessor e genro do presidente.

Não se acredita no afastamento do Sr. Francisco Dornelles do Ministério da Fazenda. Num virar de mesa poderia ocorrer a substituição simultânea, tanto do ministro Dornelles quanto do ministro João Sayad, ensejando-se na oportunidade a criação do Ministério da Economia. A figura que vai crescendo de importância nas decisões econômicas governamentais seria a do Sr. Luiz Paulo Rosenberg, conselheiro especializado na matéria do presidente Sarney. O Sr. Luiz Paulo Rosenberg se credencia para, assumir, na primeira oportunidade política, um Ministério econômico ou talvez o próprio Ministério da Economia, na hipótese da sua criação. O Ministério da Economia, se criado, objetivaria acabar com os frequentes atritos e rivalidades entre os ministros da área econômica, especialmente entre a Fazenda ou o Planejamento. Em todos os países desenvolvidos do mundo foi criado o Ministério da Economia, no propósito de imprimir a esse setor uma ação mais coordenada, dinâmica e objetiva. Todas as demais pastas da área econômica passariam a funcionar como subsecretarias de Estado. O presidente Tancredo Neves, na fase entre sua eleição e posse, chegou a anunciar em dar ao Planejamento as dimensões de uma simples secretaria de Estado. Mas tal acabou não ocorrendo. Seria preciso, antes de tudo, um ato de coragem política e do presidente da República em instituir um Ministério da Economia, com o governo em pleno andamento, em face das pressões que contra ele se exerceriam por parte de quantos ocupam os demais ministérios, ameaçados de se transformar em subsecretarias.